

Kim Newman

ANNO DRACULA

Tradução
Susana Alexandria



Copyright © Kim Newman, 1992
Copyright © Aleph, 2009
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

TÍTULO ORIGINAL: Anno Dracula
CAPA: Retina78
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Carlos Orsi
REVISÃO: Hebe Ester Lucas
PROJETO GRÁFICO: Neide Siqueira
EDITORIAÇÃO: Join Bureau
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Débora Dutra Vieira
DIRETOR EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzzi

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

ALEPH PUBLICAÇÕES E ASSESSORIA PEDAGÓGICA LTDA.
Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 – Cj. 301
05711-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel: [55 11] 3743-3202
Fax: [55 11] 3743-3263
www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Newman, Kim, 1959-
Anno Dracula / Kim Newman ; tradução Susana Alexandria. – São Paulo : Aleph,
2009.

Título original : Anno-Dracula.
ISBN 978-85-7657-089-9

1. Drácula, Conde (Personagem fictício) 2. Ficção inglesa 3. Vampiros – Ficção
I. Título.

09-11109

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

“Nós, os zequelis, temos o direito de ser orgulhosos, pois em nossas veias corre o sangue de muitas raças valentes, que lutaram como leões pela supremacia. Para cá, no turbilhão das raças europeias, a tribo úgrica trouxe da Islândia o espírito guerreiro herdado de Thor e Odin, que os berserkers ostentavam em suas incursões cruéis nos litorais da Europa, ah, e da Ásia e África também, até os povos pensarem que os próprios lobisomens haviam chegado. Aqui, também, quando vieram, combateram os hunos, cuja fúria belicosa varreram a terra como uma labareda viva, até os povos moribundos acreditarem que em suas veias corria o sangue das antigas bruxas que, expulsas da Cítia, haviam se acasalado com os demônios do deserto. Idiotas, idiotas! Que demônio ou bruxa foi maior que Átila, cujo sangue corre nestas veias? Alguém duvida que éramos uma raça de conquistadores, que éramos orgulhosos, que quando os húngaros, os lombardos, os ávaros, os búlgaros ou os turcos invadiram, aos milhares, nossas fronteiras, nós os rechaçamos? Alguém estranha que quando Arpad e suas legiões varreram a pátria húngara, ele nos encontrou aqui, quando atingiu a fronteira? E que quando as hordas húngaras varreram o leste, os zequelis foram proclamados irmãos pelos magiares vitoriosos, e por séculos a nós foi confiada a defesa da fronteira com a terra turca? Ah, e mais do que isso, o interminável dever de guardar a fronteira, pois, como dizem os turcos, “a água dorme, mas o inimigo está sempre em vigília”. Quem, em todas as Quatro Nações, recebeu mais alegremente do que nós a “espada ensanguentada” ou, ao seu chamado de guerra, correu mais rápido ao estandarte do rei? Quando a grande humilhação de minha nação foi redimida, a humilhação de Cassova, quando as bandeiras dos valáquios e dos húngaros foram derrubadas pelo Islã, quem senão um de minha própria raça, como voivoda, cruzou o Danú-

bio e derrotou os turcos em seu próprio território? Era, sem dúvida, um Drácula! A desgraça foi seu próprio e indigno irmão ter vendido seu povo aos turcos e ter-lhe causado a desonra da escravidão!... De novo, quando, após a Batalha de Mohács, livramo-nos da opressão húngara, nós, do sangue Drácula, estávamos entre os líderes, pois nosso espírito não tolerava o fato de não sermos livres. Ah, meu jovem, os zequelis – e os Dráculas, que são o sangue do coração desse povo, seu cérebro e sua espada – podem se vangloriar de um registro de feitos tão vasto, que jamais será alcançado pelos Habsburgos e os Romanovs. A época guerreira acabou. Sangue é uma coisa preciosa demais nesta época de paz indecorosa; e as glórias das grandes raças são apenas histórias que se contam.”

Conde Drácula

“Tenho estudado incessantemente, desde que chegaram às minhas mãos, todos os documentos referentes a esse monstro e, quanto mais estudo, maior parece a necessidade de exterminá-lo completamente. Em toda parte há sinais de seu avanço; não apenas de seu poder, mas do conhecimento que tem dele. Pelo que sei, a partir de estudos de meu amigo Arminius, de Budapeste, ele era, em vida, um homem maravilhoso. Soldado, estadista e alquimista – este último era o ápice do desenvolvimento científico de sua época. Tinha um cérebro poderoso, um conhecimento incomparável e um coração que desconhecia medo e remorso. Ousou até frequentar a Scholomance, e não havia ramo do conhecimento que não experimentasse. Bem, o poder de seu cérebro sobreviveu à sua morte física; embora a memória pareça não estar completa. Em algumas faculdades mentais ele foi, e é, apenas uma criança; mas está amadurecendo, e algumas coisas que eram infantis no início têm agora a estatura de um homem feito. Ele está experimentando, e bem; e se não tivéssemos cruzado o seu caminho, ele já seria – talvez ainda venha a ser, se fracassarmos – o pai ou patrono de uma nova ordem de seres cujo caminho deve passar pela Morte, não pela Vida.”

Dr. Abraham Van Helsing

No Nevoeiro

Diário do Dr. Seward (registrado no fonógrafo)

17 de setembro.

A libertação de ontem à noite foi mais fácil que as outras. Muito mais fácil que a da semana passada. Talvez, com prática e paciência, tudo se torne mais fácil. Embora nunca seja fácil. Nunca... fácil.

Desculpe: é difícil manter os pensamentos em ordem, e este incrível aparelho é implacável. Não posso riscar as palavras apressadas ou arrancar uma página estragada. O cilindro gira, a agulha entalha e minhas divagações ficam gravadas para sempre na cera impiedosa. Aparelhos incríveis, como curas milagrosas, são cercados de efeitos colaterais imprevisíveis. No século XX, novos meios de registrar o pensamento humano talvez precipitem uma avalanche de digressões inúteis. *Brevis esse laboro*, como diria Horácio. Sei como apresentar um caso clínico. Este interessará à posteridade. Por enquanto, trabalho em segredo e escondo os cilindros com meus relatos anteriores. Na presente situação, minha vida e liberdade estariam em perigo se esses diários fossem expostos ao público. Um dia, espero que minhas razões e métodos sejam conhecidos e esclarecidos.

Muito bem.

O sujeito: feminino, aparentando 20 e poucos anos. Morta recentemente, eu diria. Profissão: óbvia. Local: Chicksand Street. Final da Brick Lane, do outro lado da Flower & Dean Street. Horário: pouco antes das cinco da manhã.

Eu vagava há mais de uma hora no nevoeiro, espesso como leite estragado. O nevoeiro é melhor para meu trabalho noturno. Quanto menos puder ser visto do que esta cidade se tornou no último ano, melhor. Como muitas pessoas, passei a dormir durante o dia e trabalhar à noite. Na maioria das vezes, apenas cochilo; parece que faz anos que não sinto a satisfação de um sono de verdade. As horas

de escuridão são as horas de atividade, agora. É claro que aqui, em Whitechapel, as coisas nunca foram muito diferentes.

Há uma daquelas malditas placas azuis na Chicksand Street; no número 197, um dos refúgios do Conde. Ali estão localizadas seis das caixas de terra a que ele e Van Helsing atribuíram uma importância supersticiosa e, como se viu, totalmente injustificável. Lorde Godalming deveria destruí-las; mas, como em muitas outras coisas, meu nobre amigo não se mostrou à altura da tarefa. Eu estava abaixo da placa, incapaz de enxergar seus dizeres, refletindo sobre nossos fracassos, quando a moça morta me abordou.

– Senhor – ela chamou. – Senhooooor...

Quando me virei, ela afastou as plumas da garganta. Seu pescoço e colo eram brancos como a névoa. Uma moça viva teria tremido de frio. Ela estava em pé, sob uma escadaria que levava a uma passagem no primeiro andar, sobre a qual ardia uma lanterna vermelha. Atrás dela, parcialmente oculta pela sombra da escada, havia outra entrada, um pouco abaixo do nível da rua. Nenhuma das janelas do prédio, ou de qualquer outro nas proximidades, estava iluminada. Habitávamos uma ilha de visibilidade num mar de trevas.

Atravessei a rua, as botas formando redemoinhos amarelos no nevoeiro baixo. Não havia ninguém por perto. Ouvi pessoas passando, mas estávamos encobertos. Logo os primeiros raios da alvorada afugentariam os últimos renascidos das ruas. A moça morta tinha ficado na rua até tarde, pelos padrões de sua espécie. Perigosamente tarde. Sua necessidade de dinheiro, de bebida, deve ter sido intensa.

– Que belo cavalheiro – murmurou, acenando com a mão, unhas afiadas cortando pedaços de nevoeiro.

Esforcei-me para enxergar seu rosto e fui recompensado com a impressão de uma beleza magra. Ela inclinou ligeiramente a cabeça para me olhar, uma mecha de cabelo preto caindo-lhe sobre a bochecha branca. Havia interesse em seus olhos vermelho-negros, e fome. Havia também uma espécie de deleite semiconsciente que beirava o desprezo. Esse olhar é comum entre as mulheres, de rua ou não. Quando Lucy – a senhorita Westenra, de saudosa memória – recusou meu pedido de casamento, a centelha de uma expressão parecida residia em seus olhos.

– ... e tão perto da manhã.

Ela não era inglesa. Pelo sotaque, diria que era alemã ou austríaca. Um indício de “f” em “cavalheiro”, um “r” mais puxado em “perrto”. A Londres do Príncipe Consorte, desde o Palácio de Buckingham até o Buck’s Row, é o esgoto da Europa, entupido de dejetos de duas dúzias de principados.

– Venha me beijar, senhor.

Parei por um instante, apenas olhando. Ela era de fato bonita, diferente. Seu cabelo brilhante era curto, penteado com laquê num estilo quase chinês, franjas pontudas como os protetores faciais de um elmo romano. No nevoeiro, seus lábios vermelhos pareciam quase pretos. Como todos eles, sorria com facilidade, desnudando dentes pontudos como pérolas lascadas. Uma nuvem de perfume barato pairava ao nosso redor, disfarçando de modo enjoativo o odor desagradável.

As ruas estão imundas, esgotos abertos de depravação. Os mortos estão em toda parte.

A moça cantarolou uma risada, como o som de algo espremido por um mecanismo, e fez sinal para que me aproximasse, abrindo ainda mais as plumas que envolviam seus ombros. Seu riso fez-me lembrar novamente de Lucy. Lucy quando estava viva, não a coisa sanguessuga que eliminamos no Cemitério de Kingstead. Há três anos, quando apenas Van Helsing acreditava...

– Não vai me dar um beijinho? – ela cantou. – Só um beijinho.

Seus lábios tinham o formato de um coração. As unhas tocaram meu rosto, depois as pontas de seus dedos. Estávamos frios; meu rosto, uma máscara de gelo, as unhas de seus dedos espetando suavemente a pele gelada.

– Como ficou assim? – perguntei.

– Boa sorte e cavalheiros gentis.

– Sou um cavalheiro gentil? – perguntei, segurando o bisturi no bolso de minha calça.

– Ah, sim, um dos mais gentis. Tenho certeza.

Pressionei a parte chata do instrumento contra minha coxa, sentindo a prata fria através do tecido.

– Eu tenho um pouco de visco – disse a moça morta, tirando um ramo do espartilho. Ela o segurou sobre si.

– Um beijo? – pediu. – Um beijo, só por um centavo.

– O Natal ainda está longe.

– Sempre há tempo para um beijo.

Ela agitou o ramo, as bagas balançando como sinos silenciosos. Dei um beijo frio em seus lábios vermelho-negros e puxei minha faca, segurando-a sob o casaco. Senti a lâmina afiada através da luva. Sua bochecha fria encostou em meu rosto.

Aprendi com a da semana passada, na Hansbury Street – Annie ou Anne Chapman era o nome dela, segundo os jornais –, a fazer o serviço de modo rápido e preciso. Garganta. Coração. Tripas. E depois arranco a cabeça. Isso destrói as coisas. Prata limpa e consciência limpa. Van Helsing, obcecado por folclore e sim-

bolismo, sempre falava do coração, mas qualquer órgão vital serve. Os rins são mais fáceis de atingir.

Preparei-me com cuidado antes de me aventurar. Fiquei sentado por meia hora, tolerando a dor. Renfield está morto – morto de verdade –, mas o louco deixou as marcas de sua mordida em minha mão direita. O semicírculo da profunda dentada cicatrizou muitas vezes, mas nunca sarou por completo. Com Chapman, eu estava entorpecido pelo láudano e não fui tão preciso quanto deveria. Ter de cortar com a mão esquerda não ajudou. Errei a artéria principal e a coisa teve tempo de guinchar. Temo ter perdido o controle e me tornado um açougueiro, quando deveria ser um cirurgião.

Ontem à noite foi melhor. A moça agarrou-se à vida com a mesma tenacidade, mas aceitou minha dádiva. No fim, aliviou-se por ter a alma purificada. Está difícil obter prata. A cunhagem é feita com ouro ou cobre. Consegui três moedas enquanto o dinheiro era trocado e sacrifiquei o aparelho de jantar de minha mãe. Meus instrumentos, tenho desde a época de Purfleet. Agora as lâminas estão fofeadas, um núcleo forte de aço dentro da prata mortífera. Desta vez escolhi o bisturi de autópsia. Acho que é mais adequado utilizar uma ferramenta feita para dissecar cadáveres.

A moça morta convidou-me para entrar e ergueu as saias sobre as pernas brancas e esguias. Abri sua blusa, sem pressa. Meus dedos, ardendo em dor, tateavam.

– O que aconteceu com sua mão?

Levantei pesadamente a mão enluvada e tentei sorrir. Ela beijou os nós cerrados dos meus dedos e deslizei minha outra mão para fora do casaco, segurando o bisturi com firmeza.

– Uma ferida antiga – respondi. – Não é nada.

Ela sorriu e rapidamente passei a lâmina de prata de um lado a outro de seu pescoço, apertando firmemente com o polegar, abrindo um corte profundo na carne morta incólume. Seus olhos se arregalaram, em choque – a prata *dói* –, e ela soltou um longo suspiro. Linhas finas de sangue escorreram como chuva numa vidraça, manchando a pele de suas clavículas. Um único filete de sangue saiu pelo canto da boca.

– Lucy – eu disse, lembrando...

Ergui a moça, meu corpo protegendo-a dos transeuntes, e enfiei o bisturi, transpassando o espartilho, até o coração. Senti-a estremecer e desfalecer, sem vida. Mas sei que os mortos-vivos podem ser resistentes, e tive o cuidado de terminar o serviço. Deitei-a no fosso da entrada submersa e completei a libertação. Havia pouco sangue nela; não deve ter se alimentado durante a noite. Após cortar

seu corselete, rasgando com facilidade o tecido barato, expus o coração perfurado, descolei os intestinos do mesentério, desemaranhei uma jarda do intestino grosso e extraí os rins e parte do útero. Então, alarguei a primeira incisão. Depois de expor as vértebras, sacudi a cabeça solta para a frente e para trás até quebrar os ossos do pescoço.